

OS BRASIS DE EUCLIDES DA CUNHA E LIMA BARRETO

Idilva Maria Pires Germano*

INVENÇÕES DE BRASIL

Que é o Brasil?

As respostas dadas a esta questão por Euclides da Cunha e Lima Barreto são, por um discurso cientificista no primeiro e por um discurso romanesco no segundo, as interpretações ou reconstruções dos acontecimentos sociais, econômicos e políticos por eles vividos. A necessidade de entender o Brasil e o modo como o fazem refletem a ansiedade existencial que compartilham como intelectuais progressistas e comprometidos com a construção do país; neste sentido, são exemplares de moralidade que a vida contemporânea brasileira tanto exige.

As relações de Euclides da Cunha e Lima Barreto com o Brasil são marcadas por tons afetivos, pressupostos científicos, ideologias e desejos variados. Mas em suas obras e vidas, os autores apresentam entre si muitas semelhanças. Ambos entendem a literatura como meio de conscientização e transformação social, ambos põem a questão nacional em primeiro plano de reflexão, ambos se insurgem contra os efeitos nocivos do capitalismo arrivista, como a glorificação da mediocridade e a degradação dos costumes; ambos rejeitam a violência da república florianista e tiveram suas vidas marcadas pela tragédia.

Suas obras são interpretações do Brasil marcadas pelo tempo e pelo espaço, portanto, parciais e provisórias como quaisquer outras, mas que ajudam a entender o que o futuro reservou aos acontecimentos que eles presenciaram e que constituem em última instância o nosso presente.

O Brasil atual, mergulhado que está numa crise de esperança crônica, tem muito a aprender da leitura de ambos. O paralelo entre o Brasil da jovem e promissora república e o Brasil das fracassadas repúblicas que se seguiram é inevitável. Temos de um lado, o retrato do Brasil que encerrava o século XIX munido de grandes expectativas quanto ao

futuro e fortalecido pelas utopias socialistas, e por outro, o panorama do país que fecha o século XX sem saber se seu futuro pode ser pior que o seu presente e sem o consolo das teorias revolucionárias. As desilusões de Euclides da Cunha e Lima Barreto prometiam cura, se se realizassem as reformas políticas propostas por um, ou se se ouvissem as críticas ao novo *ethos* que o outro empreendia. As nossas, ao contrário, "não têm jeito". O Brasil atual é a nação do ceticismo institucionalizado, das perdas irrecuperáveis, do fundo do poço.

Assim, ao ler *Os Sertões* e *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, nós, a quem resta uma pontinha de esperança, ficamos tocados por uma imediata identificação com os autores: são mais ou menos os mesmos sentimentos nacionalistas, a mesma preocupação com o destino do país, ansiedade de explicar e solucionar racionalmente os seus males, enfim, de vislumbrar tempos melhores.

A identificação não pára aí, estendendo-se para as personagens de suas obras. Como povo também sofrido, somos iguais aos homens retratados, os quais, não fossem as lembranças dos autores, seriam mais uma vez excluídos da história. Assim como a população de Canudos e o proletariado brasileiro da virada do século representaram os perdedores no passado, representamos hoje a grande parcela da população brasileira cujos desejos estão sendo interceptados pelo poder, sem se concretizarem. Assim como ontem, os desejos atuais não participarão da história oficial feita pelo fulcro dos grandes acontecimentos políticos.

Fazer uma sociologia da literatura é também fazer a análise histórica e social dos vencidos, do cotidiano considerado inexpressivo pela ortodoxia. O conjunto de interpretações dadas por Euclides da Cunha e Lima Barreto aos seus objetos - o Brasil da luta de Canudos, das mestiçagens e do sertão exótico e o Brasil urbano da Velha República, das massas espoliadas e da burguesia arrivista - ajuda a tecer a trama de significações culturais que uma sociologia da sociedade brasileira busca compreender.

* Mestre em Sociologia pela UFC.

Aqui se estabelece uma ponte entre Ciência e Arte, mas também entre Arte e Ética, porque, a rigor, todas se dirigem para o que *deveria ser* ou *deveria ter sido*, se os acontecimentos não tivessem tomado o rumo que efetivamente tomaram.

De fato, a literatura contemporânea, mais do que arte-cognição em busca da verdade ou arte-ludismo em busca da beleza, pretende ser arte-combate em busca da justiça (Lyra, 1979). Euclides e Lima Barreto compartilham uma concepção de literatura com funções mais nobres que a pura arte contemplativa, feita para o prazer e para a manutenção de velhas tradições classicistas e elitistas. As suas escritas pretendem a superação de relações sociais indignas e injustas. Sendo palco de luta entre um sujeito rebelde que escreve e a realidade social em questão, a literatura desses autores revela para a sociologia brasileira o imaginário dos que, como eles, nutriram os mesmos anseios de mudança não realizados. Ao fazer isto, a literatura traz o *dever ser* para dentro de uma sociologia do *ser*, fornecendo informações úteis para a atuação de uma ciência social engajada e para seus projetos de transformação.

Podem ser que uma tal síntese seja no fundo triste, como aponta Sevcenko sobre a história dos "homens que foram vencidos pelos fatos" (Sevcenko, 1989:21). Porém ela é necessária, se desejamos nos aproximar do que chamamos realidade social. Esta, como a derrota, é predominantemente triste, se considerarmos que para as vastas populações do planeta, representados na literatura brasileira pelos Policarpus, Ricardos, Corações dos Outros, sertanejos, soldados, beatas e Conselheiros, as mudanças nas condições de vida são utopias quase sempre irrealizáveis.

A LITERATURA LIBERTADORA DE EUCLIDES DA CUNHA E LIMA BARRETO

Os discursos de Euclides da Cunha e Lima Barreto são exemplos da arte combativa marcada pelo humanitarismo pacifista, pelo realismo crítico e pelas idéias reformistas. Esta concepção de literatura visava superar a arte conformista, acrítica e descompromissada com a realidade social, por uma literatura militante que servisse de instrumento para a realização de uma sociedade mais justa.

Os autores nutrem o ideal de contribuir para a transformação social do Brasil através da literatura, único veículo de expressão e ação que lhes restava à gradual e devastadora eliminação das possibilidades de luta e de liberdade empreendida pela nova ordem.

A literatura era portanto encarada por ambos como missão (Sevcenko, op. cit.), um meio de participar da construção nacional, catalisando as mudanças sociais que os tempos exigiam e que a intelectualidade progressista do período reconhecia como *dever ser*: o fim da ordem autoritária e violenta, o fim da pilhagem patrocinada ou efetuada pelo capital estrangeiro em aliança com as oligarquias e a nova burguesia gananciosa, o fim da mediocridade reinante nas letras e na política.

Ambos produzem uma literatura em ruptura com as concepções parnasianas de arte pela arte e suas exigências estilísticas. No que se refere ao estilo, Euclides da Cunha, ainda preso aos rebusques de Coelho Neto, produziu uma linguagem peculiar, permeada de conceitos científicos oriundos de várias especialidades e de metáforas românticas ou construções dramáticas mais típicas do século passado. As suas intenções não eram entreter os leitores com um épico sertanejo, nem fundamentalmente ver realizado em obra o talento que sabia possuir, mas denunciar um crime social e alertar as gerações futuras sobre as suas consequências.

Como Euclides da Cunha, Lima Barreto compactua da idéia de que a literatura é mais que escrever bonito e insiste no rompimento com as regras estilísticas e gramaticais que impedem a verdadeira função da palavra: a conscientização libertadora.

Em Euclides da Cunha, os mecanismos desconhecidos, que fazem do Brasil uma nação promissora, porém atrasada e mística, são entendidos sob a ótica de um positivismo declarado, através do qual o autor busca encontrar relações de causalidade entre variáveis mesológicas, étnicas e histórico-evolutivas. Com base nas teorias de Spencer, Comte, Taine e Glumpowicz e nas consultas aos especialistas de seu tempo, Euclides une em seu discurso darwinismo social, história, geologia, psiquiatria, climatologia, botânica, com o intuito de extrair deste sincretismo a inteligibilidade necessária para as devidas reformas do país. Subjacente a esse esforço, está a crença otimista no poder da ciência positiva que proverá a verdade dos fatos, ou seja, a explicação cientificamente válida que condiciona o domínio e o controle dos problemas.

Em Lima Barreto, os mecanismos responsáveis pela problemática brasileira, tão bem retratada e tão atual no *Policarpo Quaresma*, são compreendidos sob uma ótica de ceticismo e relativismo cultural, impulsionada por suas simpatias socialistas e anarquistas. Sua ênfase recai sobre os efeitos de uma ordem econômica injusta - uma plutocracia, como costumava chamar - que promovia a expropriação do povo com a ajuda de regimes militares ditatoriais. Como mulato assumido e ciente de seu valor, Barreto não tematizou os cruzamentos raciais como problema, a não ser para denunciar o preconceito e a insistência do país em mascarar suas origens. Seu discurso é crítico, porém não fundado sobre teorias deterministas ou naturalistas que lhe cheiravam a ideologias importadas e imperialistas. Seu breve namoro com o positivismo é substituído por uma apreensão mais autônoma da realidade, sintetizada a partir de influências literárias e teóricas variadas. A linguagem adequada à sua revolta e às mudanças estruturais que procurava teria que ser uma fala simples e direta que atingisse um maior número de espíritos incultos. O romance cheio de ironias e caricaturas, de tom confessional, seria portanto o mais indicado, uma vez que mais acessível a um povo praticamente analfabeto e a um mercado pobre consumidor de folhetins.

Em Euclides da Cunha e Lima Barreto, a obra literária tem função de conscientização política, incluindo a própria auto-conscientização dos autores. *Os Sertões* deixa transparecer a progressiva clareza do autor em relação ao significado de Canudos e da República. Policarpo Quaresma caminha do ufanismo ingênuo à realidade cruel da tirania florianista, assim como na trajetória de Lima Barreto, o advento da República significou o início das tragédias familiares e a implantação da exploração e do depotismo sobre o povo. Em Lima Barreto, o desprezo e a revolta vão se tornando cada vez mais amargos, radicalizados pela vida pessoal desenfreada e pela visão de uma organização econômica e política cada vez mais injusta. Seu repúdio chega, em certos momentos, a um apelo às armas como alternativa para a salvação nacional.

Em Euclides da Cunha, o tom é de protesto contra as elites modernizadoras que fizeram a revolução republicana, mas cujos ideais libertários se mostraram na realidade desvirtuados até a sua completa desfiguração. É uma posição de por a mão à consciência e criticar o projeto republicano que massacrava criminosamente uma parte da população - justamente a base da nacionalidade brasileira - cujos anseios foram eliminados, ora por ignorância, ora por deliberado exercício de crueldade e poder. Na realidade, há também em Euclides o tom confessional: participou ativamente como militar para a República e qualificou a rebelião de Canudos como a "nossa Vendéia". Esta leitura seria n' *Os Sertões* radicalmente reelaborada, o que ele deixa bem claro na nota preliminar.

A função emancipadora que tal concepção de literatura propõe é bem ilustrada por esta passagem extraída do diário íntimo de Lima Barreto:

"Parece-me que o nosso dever de escritores sinceros e honestos é deixar de lado todas as velhas regras, toda disciplina exterior dos gêneros e aproveitar de cada um deles o que puder e procurar, conforme a inspiração própria, para tentar reformar certas usanças, sugerir dúvidas, levantar julgamentos adormecidos, difundir as nossas grandes e altas emoções em face do mundo e do sofrimento dos homens, para soldar, ligar a humanidade em uma maior, que caibam todas, pela revelação das almas individuais e dos que elas têm de comum e dependente entre si.

A literatura do nosso tempo vem sendo isso nas suas maiores manifestações e possa ela realizar, pela virtude da forma, não mais a tal beleza perfeita da falecida Grécia, que já foi realizada; não mais a exaltação do amor que nunca esteve a perecer; mas a comunhão dos homens de todas as raças e classes, fazendo que todos se compreendam, na infinita dor de serem homens, e se entendam sob o açoite da vida, para maior glória e perfeição da humanidade.

Não desejamos mais uma literatura contemplativa, o que raramente ela foi: não é mais uma literatura plástica que queremos, a encontrar beleza em deuses para sempre mortos, manequins atualmente, pois a alma que os animava, já se evoluiu com a morte dos que os adoravam." (Barbosa, 1981:241-242).

O BRASIL D'OS SERTÕES

O Brasil de Euclides é uma incógnita a ser decifrada através da ciência. Esta propiciará os instrumentos necessários para a compreensão das causas dos males brasileiros e oferecerá os métodos racionais para o seu tratamento.

Os sertões mal compreendidos e abandonados irresponsavelmente pelos governos e pelas elites pensantes dão a chave para os fundamentos de um novo nacionalismo: a descoberta do núcleo tipicamente brasileiro, perdido no meio do cosmopolitismo dos novos tempos republicanos. Euclides descobre e tenta explicar o sertanejo estóico, dividido entre tendências atávicas inferiorizantes e um meio hostil a que se deve adaptar, vislumbrando nele, no seu heroísmo frente à adversidade e na sua dignidade de aceitar um destino de sofrimento, as possibilidades de reconstrução do país.

A explicação de Euclides para esta parte do Brasil envolve uma ação conjunta entre um meio físico simultaneamente inóspito na seca e acolhedor no inverno, um homem híbrido de mestiçagens variadas e uma concepção da história subordinada à força evolutiva. O homem que resulta da tríade meio-raça-momento histórico é um tipo humano especial, sem as qualidades originárias das raças puras, mas tornado forte graças à perfeita adaptação à natureza ingrata dos sertões. A excelência do tipo sobrevivente aos períodos de abundância e fome cíclicos explica a fortaleza do homem que compôs Canudos.

Como explicar que um homem inferior, místico e miserável tenha produzido uma organização tão sólida capaz de resistir até o fim ao ataque dos poderosos, apoiados pela ciência e pela tecnologia dos canhões Krüpp?

Para Euclides da Cunha a relação sertão/sertanejo é simbiótica:

"A luta é desigual. A força militar decai a um plano inferior. Batem-na o homem e a terra. E quando o sertão estua nos bochornos dos estios longos não é difícil prever a quem cabe a vitória. Enquanto o minotauro, impotente e possante, inerte com a sua envergadura de aço e grifos de baionetas, sente a garganta exsicar-se-lhe de sede e, aos primeiros sintomas da fome, reflui à retaguarda, fugindo ante o deserto ameaçador e estéril, aquela flora agressiva abre ao sertanejo um seio carinhoso e amigo. (...)

Cercam-lhe relações antigas. Todas aquelas árvores são para ele velhas companheiras. Conhece-as todas. Nasceram juntos; cresceram irmamente; cresceram através das mesmas dificuldades, lutando com as mesmas agruras, sócios dos mesmos dias remansados. (...)

A natureza toda protege o sertanejo. Talha-o como Anteu, indomável. É um titã bronzeado fazendo vacilar a marcha dos exércitos." (Cunha, *Os Sertões*, 1991: 165-166).

Na tentativa de compreender as ambiguidades que presença, Cunha recorre aos instrumentos de análise disponíveis. A princípio, traça minuciosamente o perfil das terras e suas peculiaridades geológicas, climáticas e de vegetação. A exposição da dinâmica dos agentes naturais é marcada por um discurso animista que os humaniza, imbuindo-os de vida

e vontade próprias. O homem, a caatinga, o sol, a terra, a chuva e os ventos são todos participantes de um ecossistema em luta constante, onde se disputam recursos vitais à sobrevivência.

Euclides da Cunha aponta fatores explicativos para o problema da formação dos desertos, lembrando soluções históricas para contorná-lo e denunciando as *selvaticezas* da mão humana que aceleram a esterilização do solo e o recrudescimento do clima.

Em seguida, o autor procura compreender o homem sertanejo através do escrutínio das suas origens étnicas. Os tipos do Norte são frutos dos cruzamentos iniciados à época da colonização e reforçados com as estratégias portuguesas de povoar rapidamente o país nos 1500 e 1600, e que, ao longo dos séculos, resultaram numa mistura de raças *excessiva e prejudicial*. Tomando como pressuposto o evolucionismo, os mestiços - mulato, mameluco e cafuso e as "sub-raças" destas derivadas - são detentores de estigmas provenientes da revivescência de caracteres inferiores presentes na mistura. O mestiço passa a ser um *decaído*, de *moralidade rudimentar, simplório, sem energia física*. As idéias descritas na passagem "Abramos um Parêntese" são a ilustração de uma ciência justificadora do domínio europeu e da inadequada ou ultrapassada apreensão do papel da história e da cultura no desenvolvimento dos povos.

O recurso a teorias evolucionistas e deterministas são tomadas como referências obrigatórias, universalmente válidas e em princípio, capazes de dar inteligibilidade às sutilezas da vida brasileira. O autor esforça-se para apoiar o seu discurso literário nas verdades científicas do seu tempo, na intenção de lhe conferir um *status* superior em relação à velha literatura. Com isso, cria uma narrativa que aglutina o jargão de diferentes especialidades e uma linguagem de intenso vigor poético.

Ainda não é possível a Euclides perceber que os instrumentos teóricos utilizados no fim do século XIX serviam para justificar o quadro de dominação que os países imperialistas impunham sobre suas colônias e ex-colônias. O autor, ao utilizá-los, reforça a ideologia brasileira da união de raças produzindo mestiços de qualidade inferior (presente até hoje), embora as teorias darwinistas por ele frequentemente citadas também sirvam para justificar o êxito das espécies mais bem adaptadas na competição - o caso do sertanejo.

O discurso contraditório de Cunha, que ora despreza ora exalta, ora abomina ora enaltece, ora explica ora se confunde, demonstra que o autor supera sua visão biológica, intuindo sobre a inadequação ou insuficiência de tais teorias. Euclides tenta uma interpretação mais concreta da realidade brasileira, tomando por base a vida real das populações nativas. Nesse percurso, o autor vai se identificando com o povo que retrata, se sensibilizando com a sua sorte e se conscientizando das causas que o mantêm oprimido.

Saber para dominar

Euclides da Cunha se inscreve no círculo de pensadores cultos, progressistas, crentes no poder da ciência que a

modernidade nos legou. O uso de teorias naturalistas de inferioridade racial - hoje odiosas ou no mínimo científica e politicamente incorretas - indica menos submissão do autor ao pensamento dominante da época e mais um espírito reformador, responsável e racional, que buscou calcar as transformações que julgava necessárias no que havia de mais científico e moderno ao seu tempo.

Há no autor a necessidade de encontrar na heterogeneidade racial e nas disparidades ambientais, indícios de algo sólido e imutável, o cerne da brasilidade, sobre o qual se pudesse prever a inevitável evolução da sociedade brasileira.

"Não temos unidade de raça.

Não a teremos, talvez, nunca.

Predestinamo-nos à formação de uma raça histórica em futuro remoto, se o permitir dilatado tempo de vida nacional autônoma. Invertemos, sob este aspecto a ordem natural dos fatos. A nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social.

Estamos condenados à civilização.

Ou progredimos ou desaparecemos.

A afirmativa é segura. " (Cunha, op.cit: 51-52)

Os Sertões, pela força da linguagem artística permeada de ambiguidades, supera o seu próprio cientificismo. Para quem lê a obra, vê-se claramente a favor de quem o autor se coloca malgrado todo o discurso desfavorável sobre o sertanejo que seu apelo às teorias importadas delineou. Paradoxalmente, a intuição revelada pelo escritor-artista é mais convincente do que os conceitos do escritor-cientista. É na poesia eloqüente de *Os Sertões*, extraída de uma personalidade singular, genuína e obsessivamente interessada pelo país, que reside a sua verdadeira invenção do Brasil, o esforço exaustivo de conhecer a terra e o homem que foi capaz de fazer Canudos.

O Brasil que Euclides focaliza é um Brasil cindido. É o sertão abandonado em contraste com o litoral enriquecido. É o sertanejo subjogado pela força coercitiva do meio físico e social. É o sertanejo retrógrado que se mantém preso aos ritos que os novos tempos positivos e desencantados execram. O autor, a princípio, vê no Conselheiro e seus seguidores um bando de fanáticos ignorantes e saudosistas do império. Reconhecerá mais tarde que eles foram vitimados pela concentração da produção e do progresso no litoral.

O Brasil denunciado por Euclides é o Brasil marginalizado pela indiferença e desprezo dos governos. É o Brasil que, uma vez submetido a reformas planejadas cientificamente e sob a administração centralizadora de uma elite intelectual e tecnicamente competente, deverá tomar necessariamente o rumo ascendente da evolução histórica, em direção à riqueza e à soberania.

No projeto do escritor, era imprescindível o conhecimento exato da base física do país, o que motiva seus estudos científicos, expedições e consultas aos grandes especialistas do período. Também como consequência de uma sólida formação em Engenharia, o autor propunha ações técnicas concretas baseadas em levantamentos sobre o solo, o clima,

a fauna, flora e a hidrologia do país. Estas ações incluíam a construção de estradas que unissem as diferentes regiões, redes de armazenamento e distribuição de água no polígono das secas e a educação dos camponeses para o cultivo adequado da terra, ecologicamente rejeitando as queimadas promovidas por sertanejos ignorantes e bandeirantes ambiciosos.

A necessidade de compreender o homem do sertão também é movida pela idéia de saber para dominar: conhecendo-se o perfil racial do povo, suas fraquezas e potencialidades, seu estágio de civilização e sua inserção no meio circundante, poder-se-ia compreender o verdadeiro significado de certos movimentos sociais (como Canudos), e assim, abordá-los e controlá-los de forma mais adequada. A partir do conhecimento das limitações do homem do sertão, das dificuldades enfrentadas por este homem corajoso e estoico no trato do seu ambiente exterior e na luta silenciosa que se trava em sua natureza interior, poder-se-ia controlar e conduzir melhor o elemento humano em seu *habitat*, fornecendo aquilo de que carece para aperfeiçoar-se (e que a civilização moderna dispõe). Poder-se-iam dominar as tendências atrasadas que barram o progresso do país. A idéia de Cunha é conhecer o homem para canalizar suas virtudes, minorar suas deficiências e debelar seus problemas. Apenas um conhecimento exato da magnitude e das especificidades do problema humano no sertão é capaz de assegurar os métodos terapêuticos adequados para a sua solução.

Principalmente na descrição da luta de Canudos, percebe-se a trajetória de Euclides da Cunha rumo a uma nova consciência do sertão e do sertanejo. Ele passa de um republicanismo ativista, reforçado por sua formação militar, a uma postura veementemente crítica à república que se implantara e que criminosamente assassinava a semente do novo país.

Em 1889, Euclides vê na República orientada pela elite instruída - aqui identificada com democracia - a instituição que conduziria o progresso nacional, colocando a nação afinal no caminho do desenvolvimento. Crê que é necessário destruir a *inervação monárquica*, o *carrancismo das dinastias portuguesas*, a mentalidade antiquada e a incompetência da velha ordem. A República, vista aqui como revolucionária, à imagem da Revolução Francesa, é um fenômeno histórico obrigatório *inteiramente subordinado a uma lei, que é como uma força constante - a Evolução*. (*Questões Sociais*, 1984:41)

Oito anos depois, ao acompanhar o massacre final de Canudos, percebe o equívoco da República que atacava e oprimia o povo, ao invés de protegê-lo e libertá-lo. O povo era Canudos e aquela República enfim não tinha nada a ver com uma revolução para o povo e pelo povo, nem com os ideais iluministas que perseguia.

Euclides revolta-se contra a bárbara repressão a Canudos. O crime de Canudos foi um crime contra a própria nação.

"Ademais entalhava-se o cerne de uma nacionalidade.
Atacava-se a fundo a rocha viva da nossa raça."

(Cunha, op. cit.: 398)

De tal forma que a sua destruição não pode ser entendida como uma vitória:

"Contemplando-lhes os rostos baços, os arcabços esmirrados e sujos, cujos molambos em tiras não encobriam lanhos, escaras e escalavros - a vitória tão longamente apetejada decia de súbito. Repugnava aquele triunfo. Envergonhava."
(Cunha, op.cit.: 403).

O BRASIL DO TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA

O Brasil retratado por Lima Barreto é o Brasil espoliado, tomado pelo capital internacional, pela burguesia voraz e pela mediocridade generalizada. É o Brasil que instaurou a repressão e o terror e que eliminou de vez os resquícios de democracia vigentes ao tempo da monarquia. É uma república que ignora e marginaliza a população nativa, obrigada a viver em cortiços e pensões insalubres, de salários aviltantes, de biscates e subempregos, sem direitos políticos, enquanto minorias se privilegiam de especulações, negociatas, clientelismo e corrupção de toda sorte.

É o país construído à base de conchavos apoiados pelos cartéis oligárquicos que seguem as orientações ditadas pelo imperialismo econômico. É principalmente uma burguesia ávida por ascensão social e que busca no parasitismo do Estado e a todo custo, sem competência, sem patriotismo e sem ética, solucionar os seus problemas particulares.

Lima Barreto, como Euclides da Cunha, identifica-se com o povo oprimido que vê e com o qual convive. Sabe das dificuldades de sobrevivência da classe trabalhadora, produzidas pela ação dos governos e elites econômicas, da crueldade com que os mendigos são eliminados das vistas burguesas à época da Regeneração, da dura repressão aos rebeldes anarquistas que ousavam levantar a voz contra o sistema. Como esse povo, o escritor viu perdidas suas chances de sucesso; o talento não seria suficiente para abrir as portas da felicidade.

O autor focaliza a inserção do povo no regime plutocrático e nos seus novos valores, evitando as leis eternas e infalíveis da ciência da época para explicá-lo. Após breve incursão no Apostolado Positivista de Teixeira Mendes, na mocidade, Barreto compreendeu que o positivismo doutrinário nada tinha a ver com a sua concepção de mundo e com a sua missão. No *Policarpo Quaresma*, refere-se ao *nefasto e hipócrita positivismo, que justificava todas as violências, todos os assassinios, todas as ferocidades em nome da manutenção da ordem*. (Lima Barreto, 1983:106).

Para ele, os interesses econômicos, as vicissitudes políticas e os valores agora supérfluos fundamentam as condutas, pensamentos e desejos veiculados na sociedade brasileira da passagem do século. A crônica jornalística, que fez o autor cobrir quase todos os acontecimentos significativos do seu tempo, tem o efeito de modelar o estilo de suas obras. *Policarpo Quaresma* oferece um retrato minucioso do subúrbio carioca do período e do cotidiano de miséria dos seus moradores.

O meio sócio-econômico e a condição de classe fazem as suas personagens ignorantes, egoístas, mesquinhas e entreguistas. Nesse caso, o oprimido ainda é poupado de críticas e cobranças mais severas, pela sua qualidade de vítima do sistema e de sua virtual impossibilidade de mudar o estado de coisas. Mas a pequena burguesia gananciosa e parasita não tem o perdão de Lima Barreto. Com raras exceções, todos no *Policarpo Quaresma* são figuras toscas, simplórias, tragicômicas, politicamente alienadas e voltadas apenas para os seus próprios mundinhos domésticos.

A linguagem utilizada pelo escritor para expressar a sua revolta contra o *modus vivendi* burguês não é o discurso erudito de um Euclides da Cunha, mas a linguagem da ironia e da sátira, meios mais eficientes para escandalizar e provocar mudanças.

Para o autor, o proletariado urbano é submetido a um deliberado processo de exclusão promovido por forças econômicas e políticas. O povo explorado é representado em sua versão mais digna pelo Ricardo Coração dos Outros, único tipo da classe desfavorecida que se solidarizará com o destino de Quaresma e que, com a esclarecida Olga, tentará salvá-lo. Como a vida real, a ficção não tem um final feliz e ambos se vêem tolhidos no seu intento.

O resultado das forças econômicas, políticas e sociais sobre as personagens é a relativa impossibilidade de agir em desacordo com as concepções e a moral da classe a que pertencem. Olga não deixa de casar com um canastrão, Ismênia se recusa a virar solteirona, Ricardo não compreendendo o real sentido da saga de Quaresma, permanecendo alheio aos problemas políticos do país.

Na qualidade de homem pobre, mestiço, simples funcionário público, mal vestido e morador do subúrbio, Lima Barreto se contrapõe ao culto às aparências e ao dandismo do Rio de Janeiro do começo do século. O escritor foi observador argucioso dos passeios e compras das damas abastadas e das futilidades a que se entregavam (na impossibilidade de ocupações mais importantes) e a consciência de sua exclusão desse mundo perfumado e feminino em desfile lhe foi confessadamente dolorosa. A sua revolta e amargura se revelam na boêmia, na escrita ferina e também na indumentária propositadamente mendicante, entendendo-a como a sua *pose*. Afirma não obedecer a *teorias de higiene mental, social, moral, estética, de espécie alguma*. (Barbosa, 1981: 209).

A literatura poderia apagar pela vingança ou pela sublimação as mágoas experimentadas por preconceitos de cor, classe, alcoolismo e loucura. Lima Barreto é impiedoso na exposição da torpe motivação subjacente às ações de suas personagens. Hostiliza abertamente os mediocres, parasitas e vilões de toda ordem daquela sociedade. É o caso dos que triunfaram por simplesmente portarem um diploma universitário (que ele próprio não conseguiu obter), por bajular o poder, por fazer um casamento rico ou por apadrinhamentos. É o que ocorre na descrição cruel de Armando, o marido de Olga, que busca encobrir a sua incompetência dedicando-se às letras e usando uma linguagem rebuscada e de mau gosto.

A crônica político-literária é reforçada pela caricatura dos figurões da época que povoam seus romances *à clef*. No *Policarpo Quaresma*, a caricatura explícita de Floriano Peixoto é devastadora. Trata-o como um ser destituído de qualidades intelectuais, mas possuidor de um traço predominante: *tibieza de ânimo, e no seu temperamento muita preguiça*. Descreve-o pela sua *indolência e desamor às obrigações dos seus cargos*, preocupado apenas com a hipoteca de suas propriedades, como um tirano doméstico incapaz de aceitar opiniões contrárias às suas, castigando os seus opositores como a um bebê.

A literatura não pôde oferecer a glória almejada por Lima Barreto. A morte precoce e a sua imagem de escritor maldito impediram-no de obter o reconhecimento que merecia.

CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS ENTRE INVENÇÕES E INVENTORES

Como se vê, as reflexões de Euclides da Cunha e Lima Barreto sobre o Brasil se assemelham em muitos pontos. Ambos escreveram obras comovedoramente tristes, cujos heróis são cruelmente exterminados no final: por um lado, toda a comunidade de Canudos e seus quatro últimos defensores, e por outro lado, o ingênuo Policarpo Quaresma que se vê a caminho do fuzilamento por seu excesso de patriotismo e dignidade.

Ambos refletem sobre a questão nacional, na qualidade de cidadãos e intelectuais desejosos de contribuir para o bem do país, o que quer que isso signifique para cada um. Euclides queria o progresso viabilizado pela ciência e pela tecnologia, a superação das disparidades e o uso adequado das diferentes potencialidades regionais do país. Barreto queria o progresso, mas sem sua ética perversa e sem a decadência dos costumes que se implantara. Pensava numa organização social fraterna e igualitária que reprimisse o preconceito e a mediocracia, que premiasse a competência e a honestidade e que solucionasse os problemas sociais. Ambos queriam um nacionalismo não ufanista, porém crítico.

Ambos se insurgem contra o esnobismo, a falta de escrúpulos da burguesia, contra o cosmopolitismo irrefletido, contra o jacobinismo irresponsável e violento. Ambos sentem a necessidade de sensibilizar as elites através de discursos contundentes, seja pela erudição científica, seja pela caricatura ferina.

Ambos são movidos pelo humanitarismo pacifista do fim do século passado e pelos ideais iluministas que apontavam para uma gradual, porém inevitável, harmonia da civilização moderna.

As suas vidas pessoais também compartilham tristes semelhanças. A infância é marcada pela ausência da mãe, pela vida longe do pai, pela dificuldade financeira. A função pública desgostosa, aquém das suas capacidades, a mestiçagem (principalmente sofrida em Barreto), a solidão, a vida íntima trágica e a morte prematura unem dois temperamentos diversos.

Na mentalidade de ambos, é muito claro o dever de vencer sozinho, sem apelo aos padrinhos e pistolões. São excessivamente orgulhosos e honestos para aceitar ajuda que possa macular o seu valor ou diminuir-lhes o sabor da vitória pessoal. As dificuldades materiais não são desculpas para fraquezas ou contemporizações. A ética kantiana do dever, isto é, a ética do sujeito moral que sabe escolher o caminho certo para si, optando pelo que possa ser universalizável, parece subjazer às suas atitudes diante da vida. Mesmo quando Euclides da Cunha incita a *destruir para construir*, ele recua diante dos excessos republicanos, retirando seu apoio à causa quando ela fere os ideais universalistas de bem para a humanidade.

Mesmo o Lima Barreto revolucionário que trabalha para a derrocada da sociedade burguesa, na maturidade não parece tão seguro quanto à natureza dos seus ideais e ao modo de alcançá-los. Ao invés de palavras e atos que resultem em prejuízos demasiados, ele *deixa-se de barulhos* e elabora uma concepção pessoal de convivência humana, distanciada de partidos e doutrinas. Acaba criando uma idéia de pátria utópica, uma pátria estética, ligada ao desejo de uma fraternidade universal.

Há entretanto grandes diferenças entre as invenções de Brasil de Euclides da Cunha e Lima Barreto e seus respectivos inventores. Enquanto o autor de *Os Sertões* lança sobre o Brasil o olhar do investigador estudioso e culto, propondo um projeto de reformas no papel de elite executora, o autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* assume o olhar do fenomenólogo, daquele que se coloca no lugar do observado, no caso, o povo oprimido em suas diferentes classes e tipos. Aqui, o romancista vê através das lentes da população que sofre as consequências de um sistema econômico, social e político injusto: do discriminado, do alienado, dos loucos, dos sonhadores. Lima Barreto se aproxima da cultura popular, enaltecendo-a e evitando os julgamentos de valor, tão comuns a Euclides da Cunha. No plano ideológico, enquanto Euclides percebe a hegemonia anglo-saxã como consequência natural da civilização, Lima Barreto é o anti-imperialista convicto, vociferando nos jornais contra a política diplomática americanista (posição reforçada pelo seu horror ao racismo dos Estados Unidos) e profetizando erroneamente uma breve coligação entre os países da América Latina contra a opressão ianque.

Enquanto Euclides da Cunha é marcado pela sisudez e rigor da sua vida privada e pública, que transparece na solenidade da sua escrita, Lima Barreto procura a boêmia e o estilo burlesco, mais a ver com as suas intenções subversivas.

Enquanto Euclides obtém a imediata aprovação de *Os Sertões*, tornando-se reconhecido no mundo das letras ainda em vida, Lima Barreto amarga o fracasso da glória literária, permanecendo esquecido até muito após a sua morte.

PARA ALÉM DO COMPLEXO DE VIRA-LATAS

Que se tira da leitura de Euclides da Cunha e Lima Barreto, agora que se está, ao contrário deles, no crepúsculo do século ?

Euclides da Cunha e Lima Barreto buscavam, cada um ao seu modo, afirmar uma consciência nacional, uma nova identidade para o povo brasileiro, uma marca especial para o país que o distinguisse de seu estigma de colonizado, da velha tradição de submissão e inferioridade. A maturidade política do Brasil trazia junto o desejo de uma autonomia de pensamento, de soberania e independência. O nacionalismo era uma resposta à ânsia de crer no país e de viabilizá-lo, na esperança de que isso seria possível.

Os autores estavam imbuídos de um clima espiritual otimista em relação ao futuro do país. As desilusões e decepções a que sucumbiram em seus diagnósticos não os impediram de fazer prognósticos positivos sobre o futuro brasileiro. *Os Sertões* e *Triste Fim de Policarpo Quaresma* são obras de auto-estima e esperança. São obras de pessoas que acreditaram nas possibilidades do país, espelhados que estavam no próprio talento e na confiança de que fatalmente seriam reconhecidos. O Brasil, como as suas obras, tinha um futuro promissor e o destino certamente ser-lhe-ia generoso.

As suas invenções de Brasil tencionavam desamararrar as inibições inferiorizantes do brasileiro, aquilo a que Nelson Rodrigues chamaria mais tarde e noutro contexto de *complexo de vira-latas*, ou seja, o sentimento de inferioridade voluntário do brasileiro diante do mundo. *Os Sertões* e *Triste Fim de Policarpo Quaresma* são tentativas desinibidas de emancipação nas letras e na vida nacional e por isso, obras criativas e recheadas de subversão e de modernidade.

Hoje que os tempos são outros, mais realistas, menos utópicos, e no Brasil, calejados de sucessivos fracassos das velhas e novas repúblicas, somem o orgulho nacional, as promessas e a confiança de que o país dê realmente certo. Substituem-nos a vergonha de ser brasileiro, o conformismo, a indiferença, o fatalismo, a omissão, a desesperança. Envelhecemos e estamos ranzinzas. É o fantasma do viralatismo de que tentavam se livrar Euclides da Cunha, Lima Barreto e tantos outros intelectuais brasileiros que os seguiram, e que retorna poderoso e revitalizado após décadas contínuas de derrotas. Como nos fracassos do futebol analisados por Nelson Rodrigues, mais do que nunca vivemos o pudor de acreditarmos em nós mesmos, o *pessimismo mais obtuso*.

A identidade brasileira sempre se apoiou em realizações banais e efêmeras, como as copas, os carnavais e os salvadores da pátria. Há um imediato apelo à fantasia e ao lúdico, talvez em repúdio à crueza da realidade. Rejeitamos uma entidade abstrata chamada Brasil, projetando nossa impotência sobre um conceito enão sobre nós mesmos, sobre as pessoas que trabalham e lucram e que decidem sobre as formas de vida e consciência.

A história de Canudos e a trajetória de Policarpo Quaresma têm em comum o retrato penoso da vida brasileira em seu processo de descolonização. São momentos e lugares diferentes do Brasil que, entretanto, falam da mesma problemática composta de muitas facetas: o progresso desordenado, a opressão a que o povo é submetido, a inversão de valores. O Conselheiro e o Quaresma são igualmente visionários, um representando a loucura de um projeto comunitário promiss-

sor, mas perigoso à ordem capitalista; o outro, representando a quimera de um patriotismo ingênuo, desligado da realidade concreta, que tenta sucessiva e fracassadamente viabilizar os seus sonhos. Ambos são os perdedores da história que Euclides da Cunha e Lima Barreto querem ouvir para tornar possíveis seus ideais de pátria. Não há nos autores ainda o pessimismo que caracteriza nossos dias. A denúncia e a crítica têm endereço e o seu recheio é a esperança dos seus autores.

Fica dos dois, usando a metáfora de Rodrigues, a lição de que na pátria, como no futebol, *o brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas*. Quando isto ocasionalmente ocorre, temos obras originais, únicas em matéria de capacidade criadora e interpretativa da identidade nacional. Como em *Os Sertões* e *Triste Fim de Policarpo Quaresma*.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, F.A. *A Vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1981.
- BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ática, 1983. CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- GALVÃO, W.N. (Org.). *Euclides da Cunha*. São Paulo: Ática, 1984.
- LYRA, Pedro. *Literatura e Ideologia. Ensaio de Sociologia da Arte*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- RODRIGUES, Nelson. *A Sombra das Chuteiras Imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*. São Paulo: Brasiliense, 1989.